



PSICANÁLISE

Wilfred R. Bion

# Quatro conversas com W. R. Bion

**Blucher**

# QUATRO CONVERSAS COM W. R. BION

Wilfred R. Bion

Editado por Francesca Bion

Versão brasileira

Paulo Cesar Sandler

*Título original:* Four Discussions with W. R. Bion (The Complete Works of W. R. Bion, vol. X)

*Quatro conversas com W. R. Bion*

© 2014 The Estate of W. R. Bion

© 2020 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publicado originalmente por Karnac Books mediante acordo com Paterson Marsh Ltd e Francesca Bion.

---

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)  
[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme  
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua  
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,  
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da  
editora

---

Todos os direitos reservados pela Editora  
Edgard Blücher Ltda.

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979  
Quatro conversas com W. R. Bion / Wilfred R. Bion ;  
tradução de Paulo Cesar Sandler ; edição de Francesca Bion.  
– São Paulo : Blucher, 2020.  
86 p.

Bibliografia  
ISBN 978-85-212-1915-6 (impresso)  
ISBN 978-85-212-1916-3 (eletrônico)

1. Psicanálise. I. Título. II. Sandler, Paulo Cesar. III. Bion,  
Francesca

---

20-0263

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Nota da edição brasileira	7
Nota do tradutor	9
Introdução	17
Primeira conversa	19
Segunda conversa	37
Terceira conversa	57
Quarta conversa	75

# Primeira conversa

QUESTÃO. O senhor poderia falar algo sobre a teoria da identificação projetiva?

BION. Penso que não há muito que se possa falar, além da versão de Melanie Klein – aquilo que ela denominou como phantasia onipotente que alguém pode cindir sentimentos, pensamentos e ideias, para si indesejáveis, e evacuá-las em outra pessoa, mais particularmente na mãe e, mais particularmente ainda, em um estágio primitivo da existência, no seio. É claro que a criança não faz coisa alguma, nada acontece. Mas a criança sente que pode fazer isso e sente que se torna livre de características das quais não gosta; acaba ficando preocupada que a mesma característica pode ser dirigida a si mesma, retornando da outra pessoa – originalmente a mãe ou o seio no qual a criança projetou. A teoria não tinha o intuito de substituir teorias psicanalíticas já existentes, mas ser um acréscimo delas.

Q. O senhor utilizou o termo “fragmentos bizarros” para descrever um aspecto da identificação projetiva. Poderia se alongar um pouco neste assunto?

B. Minha intenção não era criar termos técnicos. No entanto, discutindo-o com Melanie Klein, sugeri que tais fragmentos, que, supõe-se, sejam projetados, ou seja, partes de si mesmo que não se aprecia, tornam-se fragmentos que ficam sendo sentidos como existentes, fora da pessoa. Talvez a compreensão seja melhor se descrever alguns tipos de comportamentos.

Costumamos falar de “retornos” à infância ou aos tempos em que éramos bebês. Penso que são expressões úteis, porém destituídas de significado. Será que qualquer um de nós “retorna” à infância? Ou mesmo “retorna” do amanhã? É claro que não. Por que nos preocupamos em falar a respeito desse tipo de assunto cuja origem, supostamente, ocorreu muito precocemente na vida de uma pessoa? Qual é a importância de termos desenvolvido um caráter na infância? Ou na época em que fomos bebês? Qual a importância disso? Qual seria a necessidade de uma abordagem psicanalítica disso, seja lá de que tipo tenha sido? A resposta parece ser de que vale a pena trazer à luz alguns desses alegados desenvolvimentos precoces, mas, parece, constitui outro assunto o quão justificável é. Poderíamos dizer que essas características, supostamente clivadas, ou das quais, de alguma forma, nos livramos, são esquecidas. Afinal, continuamos a nos comportar como crianças; aparentemente a pessoa livrou-se mesmo dessas coisas. Você se lembra de quando estava mamando? Não; isso foi esquecido ou você se livrou disso. Entretanto, ocorre que, mesmo sendo esquecidas, essas coisas persistem de algum modo arcaico na mente da pessoa, de tal forma que continuam operantes, continuam a se fazer sentir. Não estamos conscientes delas, mesmo que outras pessoas possam estar. No entanto, operam deste modo arcaico: continuam afetando nosso

trabalho. É por isso que se supõe que um analista precisa ser o mais analisado possível.

Q. Quando o senhor diz que um analista precisa ser o mais analisado possível, estaria se referindo a trazer essas coisas à consciência? Qual é o efeito de uma interpretação profunda, como aquela relacionada ao seio?

B. Com base em minha experiência, a reação imediata das pessoas é achar que isso não passa de algo sem sentido.<sup>1</sup> Pode ser um dos pontos fracos do analista. Não consigo ver que possa existir outra reação imediata. No entanto, depois de certo tempo, você começa a pensar que pode haver algo nisso. Fica com suspeitas de que seu comportamento ocorre daquela maneira em particular e, portanto, há muito que dizer em relação àquela formulação teórica. No entanto, é ridículo falar de uma teoria como se fosse a “verdade absoluta”. Felizmente, a maioria de nós reage negativamente frente a esse tipo de verdade dogmática; parece que tentamos preservar nossa própria visão. O problema é como fazer um enunciado de modo decisivo e claro, possibilitando que outra pessoa o entenda.

Levanto uma hipótese sobre a eventual existência de alguma verdade na ideia de que um evento, ao ser esquecido, iniciaria uma operação que pode ser denominada arcaica. O que um indivíduo faz a respeito disso? Tudo o que posso fazer é chamar a atenção consciente do paciente para uma visão de que, com probabilidades idênticas de ser ou não ser, será considerado por esse mesmo paciente como mais uma dessas coisas que psicanalistas costumam falar. No entanto, se isso pudesse se constituir como toda a situação, seria possível parar por aí. Precisamos assumir que essas ideias se disseminam: um indivíduo é capaz de se comunicar consigo mesmo. Observemos a coisa de outra forma – por que um indivíduo diz que

---

<sup>1</sup> *Non-sense*, no original.

ama ou odeia um analista? Isso é um sentimento; se um paciente diz isso, não tenho muitas dúvidas de que é isso mesmo que a pessoa quer dizer. Se esse paciente tem tal sentimento, como esse mesmo sentimento se dissemina para a consciência, a tal ponto que pode ser articulado? Deve haver algum método de comunicação entre essas coisas esquecidas e a habilidade consciente de o indivíduo articulá-las. Uma criança pode se sentir aterrorizada, irritada ou hostil, mas pode não ter nenhuma linguagem para expressar isso, a não ser através de mau humor ou fúria. Em análise, parece ser possível para que as pessoas comuniquem medo, hostilidade, amor ou afeto por si mesmos, para então traduzir em linguagem articulada – se possível, até mesmo um tipo de linguagem que pensam que o analista entenderá.

Vamos para outro aspecto: será que a única abordagem é uma psicanálise que prossegue por dois, três, quatro anos, cinco vezes por semana, *ad infinitum*? Esperamos que não. Entretanto, paralelamente a essa consideração, jamais cruzei com algo que seja mais efetivo. Fiquei suficientemente convencido da efetividade da abordagem de uma psicanálise, motivando minha persistência nela. Ainda assim, é perigoso ficar satisfeito com a própria psicanálise: um psicanalista precisa estar “in-satisfeito” com a psicanálise. Todos odiamos uma tempestade que implica o ato de nos obrigar a rever nossas visões. É extremamente perturbador pensar que poderíamos chegar a mudar, a tal ponto que nos sentiríamos compelidos a mudar de parceiro, de profissão, de país ou de sociedade. Assim, a pressão para exclamar “Daqui não posso!” estabelece-se como resistência ao aprendizado.

Q. Confrontado com um mundo no qual todos os padrões estabelecidos entraram em colapso, o homem se dá conta, com súbito acesso de desespero, de que não tem mais o recurso de apelar para alguma instância superior. Isso significa que o homem é



totalmente livre, mas tem aquilo que Camus e Sade denominaram “medonha liberdade”; o homem agora precisa assumir a responsabilidade por todas as suas ações, sem o menor recurso a alguma autoridade superior. “Não há mais homens culpados”, disse Camus, “mas apenas homens responsáveis”. Isso tem muitas implicações no pensamento essencial. Incapazes de suportar a tristeza da incerteza, podemos recair em algum padrão de comportamento já preestabelecido, permitindo-nos o abandono em um estereótipo – religioso, político, filosófico e assim por diante. Camus chama isso de “suicídio filosófico”. Ou então o homem pode dar um salto em direção à fé, criando para si mesmo uma nova deidade, como fonte transcendente à qual possa apelar. Minha pergunta é: quando o senhor<sup>2</sup> se confronta com um paciente que está vacilando entre chegar às vias de fato consigo mesmo, aprendendo a ser introspectivo e recair na quase religião – seja uma religião padrão, seja a psicanálise –, como se sente a respeito de guiar a pessoa para a autorrealização?

B. Tenho uma objeção em relação a “guiar a pessoa”. Não acredito que saiba conduzir nem minha própria vida. Muitos anos de experiência indicam-me que continuo existindo muito mais por sorte que por tirocínio – esta é a única forma que posso colocar. Portanto, não gosto de sugerir a outras pessoas o que devem fazer

---

<sup>2</sup> A partir dos anos 2000, considera-se, na cultura brasileira, *anacrônico* o ato de dirigir-se a pessoas utilizando-se da qualificação de “senhor” ou “senhora”. Acresce-se a esta situação social a dificuldade gramatical típica de versões do inglês: o termo “you” é polivalente. Pode-se utilizá-lo em frases pronominais, tanto no singular como no plural, cujo significado sempre depende do sentido e do contexto da frase. Decidimos manter o modo utilizado por Bion, *privilegiando* fidedignidade. Cotejamos esta versão com a audição das fitas magnetofônicas, de qualidade variável. Em todos os locais em que aparece o termo “senhor”, fica sempre incluído, implicitamente, “senhora”. Nem sempre houve a possibilidade de identificar o gênero das pessoas que faziam perguntas ou observações; há passagens inaudíveis, pela qualidade de gravação, feita por amadores em aparelhos simplificados [N.T.]

para resolver determinado problema. Os pacientes nos pedem isso, é claro, como também é claro que estamos sempre fazendo algo para eles – mesmo que inadvertidamente. O fato de voltar ao seu consultório<sup>3</sup> vários dias por semana e esperar que o paciente faça o mesmo é um ato que, por si mesmo, constitui uma sugestão de um modo de se comportar. Por me comportar ou tentar me comportar de um modo específico em análise, o paciente – como uma criança fascinada pelos hábitos de seu próprio pai – muito provavelmente vai “catar” nossos maus hábitos e não os bons. É possível que os pacientes os convertam em algum tipo de sintoma. Repetem, então, esse sintoma até que consigam tê-lo de uma forma certa por si mesmos – resolvem, então, o problema. Um paciente pode aprender um hábito ou um maneirismo em particular – por exemplo, um hábito que mantenho com minhas mãos –, mas, se o paciente o açambarca e o repete, tal hábito começa a ser sentido como errado por ele; sente que não serve para ele e parece corrigi-lo de algum modo. Não é sempre assim; o paciente psicótico presta pouca atenção em uma comunicação, a menos que se enquadre exatamente no comprimento de onda correto estabelecido por ele. Esse paciente é muito preciso, muito exato, desgosta de interpretações que estejam fora do facho, geralmente as ignora como se não tivessem sido ditas.

Q. Se a análise capacita um paciente a articular memórias precoces, esquecidas ou postas de lado, como produz mudança?

B. Isso parece ser assim porque o paciente já é articulado. No entanto, não acredito que seja verdade. Prefiro dizer que o hábito de grunhir e fazer barulhos é desenvolvido por certos animais – o animal humano é o exemplo mais notável –, até desembocar no

---

<sup>3</sup> Na maioria das vezes, Bion utiliza o termo *consulting room*. Em tradução literal, “sala de consultas”. Refere-se ao que é hoje conhecido como *setting* ou contexto analítico: uma sala fechada, ao abrigo de interrupções e muitos estímulos externos, munida de um divã para o paciente e uma poltrona para o psicanalista. [N.T.]

discurso articulado. É uma invenção recente desenvolvida ao longo dos últimos milhares de anos. Pouco, ou nada, em relação à escala à qual estou me referindo. O ponto importante não é a capacidade do paciente de expressar algo de modo articulado, mas de questionar se alcançou, ou não, um nível de mente tal onde esse mesmo paciente fica relativamente civilizado e onde possa também haver algum intercâmbio entre esse indivíduo civilizado, educado e articulado e sua mente primordial. Posso fornecer uma imagem pictórica dessa mente primordial, se tomar como modelo o fato de que se trata de um sobrevivente de partes de nossa ancestralidade - como fendas branquiais, que são sinais anatômicos da espécie dos peixes; ou de uma cauda vestigial.

Q. Isso é semelhante aos arquétipos de Jung?

B. Pode ser que Jung estivesse falando a respeito do mesmo assunto. Há alguma mente fundamental, algo que parece se manter inalterado em todos nós. Se a raça se desenvolve suficientemente a ponto de se comunicar em termos de discurso articulado, então assumir que isso é um desenvolvimento total seria apenas algo racional. Porém, não significa necessariamente que não haja nada além da capacidade do ser humano de falar, o que ocorre com nossa consequente habilidade de outorgar-nos o título de *Homo sapiens*.

Q. Fiquei refletindo sobre esse processo dos sentimentos “filtrarem-se” em direção à consciência. Parece que acontece mais frequentemente quando a pessoa tem uma experiência traumática, como uma perda, ou se apaixonou.

B. Descrevi “turbulência emocional” como um estado em que ocorre essa espécie de agitação, e todos os tipos de elementos se mantêm atuando - um exemplo seria a adolescência. A latência também, mas lidamos com ela de uma forma diferente. A pessoa torna-se submissa, mas não há nenhum sinal particular de vida emocional,

pois a turbulência emocional virou de cabeça para baixo; aparece, então, a calma superficial. De tempos em tempos, o indivíduo está consciente desse tipo de tumulto, está consciente de que há algum desenvolvimento lutando para obter algum lugar; teme-se que a pressão que surge em uma área particular possa destruir algum método de comportamento já aceito. Então, tal pessoa vai mobilizar a assistência de outras pessoas, tentando introduzi-las no sistema para que o ajudem na supressão das forças que o pressionam, de dentro dele mesmo. As outras pessoas, por sua vez, odeiam as forças que as pressionam de fora.

Q. Quando o paciente fica nesse estado, em que sente que não pode manejar essas forças, tentando arregimentar outras forças externas em seu auxílio, o senhor obviamente vai ser uma das primeiras pessoas para a qual ele vai se voltar. O senhor sente que jamais deve manejar essas forças para o paciente?

B. Tento não influenciar pacientes para um modo de vida que poderia ser concebível para mim, mas que certamente não serviria para ele – esse é um aspecto negativo de meu modo de vida. O aspecto mais imediato é aquilo que desejaria dizer a ele: “O senhor está realmente expressando”; e aí digo seja lá que interpretação penso que se aplica. O objetivo disso é introduzir o paciente à pessoa mais importante com quem jamais poderá lidar, ou seja, ele mesmo. Soa como algo simples; na realidade é extremamente difícil. A pessoa está sempre suscetível a afetar o paciente com seus próprios pontos de vista, tanto aqueles que mantêm conscientemente como outros que ele não mantêm conscientemente, a contratransferência. O objetivo principal é ajudar o paciente a ficar menos aterrorizado com

seu próprio e horrível self<sup>4</sup> – o quão horrível ele pensa que é. O impulso moral é extremamente primitivo. Precisamos apenas olhar para uma criança que ainda não conhece nenhuma linguagem e dizer “Ah!”, de um modo reprovador, que a vemos se retrair culposamente – ou alguém pode pensar assim. A menos que se reconheça a natureza primitiva do sistema moral, da consciência, tal sistema nunca poderá ser devidamente avaliado. Infelizmente, somos obrigados a usar termos como “superego”, o qual sugere imediatamente algo que está acima de tudo. Muito mais provavelmente é algo que está embaixo de tudo – o mais básico, fundamental. É fácil encontrar vários métodos de racionalizar tudo isso, construindo todo um sistema racional moral e todo um espaço mental para o qual não temos nenhum sistema de coordenadas, como aquele que geógrafos possuem.

Q. O senhor fala sobre uma mente fundamental. Presumo que seja algo semelhante a uma mente genética. A mente, como parte de nossos equipamentos, ao nascermos. Quando considero um paleontologista, alguém que pode ficar por muito tempo procurando um fóssil e, ocasionalmente, o encontra, comparo-o ao processo de terapia, no qual é difícil discriminar rochas de fósseis, mas é fácil interpretar muitas rochas como se fossem fósseis. Fico imaginando quanto dano fazemos, quando, um dia após o outro, ouvimos phantasias dos nossos pacientes, assumindo que

---

<sup>4</sup> Termo técnico anglicizado em português. Consagrado pelo uso há pelo menos quatro décadas. Anteriormente havia proibições governamentais sobre o uso de estrangeirismos; aliados a controvérsias sobre definições e campos semânticos de termos técnicos – neste caso, self e ego –, as versões brasileiras utilizavam outros termos. Por exemplo, “personalidade”. A popularização da psicologia do self, por Heinz Hartmann, propagada pela Escola de Chicago, de Heinz Kohut, aliada à disseminação das contribuições de Donald Winnicott, firmou o uso do conceito, definido como “personalidade individual totalizante”, como tentativa de diferenciá-lo do termo “ego” – definido por Freud para designar uma instância parcial da personalidade. Freud também utilizou o termo self, em inglês. [N.T.]

representam alguma posição dessa mente genética, sem que realmente estejamos de posse de instrumental preciso que nos capacita a separar o que vem da mente arcaica daquilo que não passa de erro de interpretação.

B. Caso se reivindique à psicanálise a possibilidade de não poder fazer dano, pode-se excluir a desastrosa natureza da interferência mental.

Nós nos tornamos conscientes de uma mente ou pensamos que estamos conscientes dela e construímos essa vasta superestrutura de teorias sem nenhuma consideração real sobre o que é uma mente ou personalidade. Aprendemos essas teorias – de Freud, de Jung, de Klein – e tentamos trazê-las absolutamente rígidas, como que para evitar ter de continuar pensando. Só que não podemos fazer uma tentativa consciente e deliberada de ajudar o processo de desenvolvimento se nosso início está fossilizado mentalmente.

Q. O senhor acha que existe alguma moral suficientemente primitiva para ser instintiva? E, se é tão primitiva, está a serviço de que objetivo? Serve para a preservação da pessoa?

B. Com muita frequência, acaba sendo danosa a persistência e sobrevivência de atitudes morais, que em alguma época podem ter sido valiosas. Por exemplo: posso ver que o patriotismo poderia ser uma característica valiosa; penso que poderia ser importante, em alguma época do desenvolvimento da pessoa, que pudesse aprender a ser leal a seus contemporâneos. Só que também penso que podemos chegar a uma época na qual essa formulação, possivelmente valiosa em seu tempo, torna-se inapropriada, caso persista além daquela época, durante a qual a formulação e seu contexto se equipararam. A persistência de tal moralidade pode ser perigosa. Pense nas bases morais dos atos das pessoas de hoje; o quão fácil é acusar alguém de contrariar a moral de uma nação ou de um

povo. Contudo, não podemos descartar essas atitudes; o fato de serem primitivas não implica que sejam injustificáveis. A investigação analítica poderia expor essas qualidades, de forma que os pacientes se decidam, por si mesmos, se vão rever suas opiniões, caso queiram, e então não teriam de continuar sentindo exatamente a mesma coisa para todo o sempre. Se alguém tem sido um animal primitivo em algum estágio, não quer dizer que deva continuar sendo um animal primitivo para sempre, tampouco que, tendo adquirido algum tipo de “status” civilizado, a pessoa tenha de eliminar de vez essas características animais primitivas. Considere a herança genética: parece que as teorias anatômicas e fisiológicas funcionaram razoavelmente bem. Mas será que também são aplicáveis à mente? Será que toda geração segue aquele mesmo curso descrito por um corpo de teoria respeitável, quando lidamos com anatomia e fisiologia? Tomemos como exemplo uma forma primitiva de vida: o bichinho da maçã. É quase um piolho e quase uma planta. Seu método de geração é incrível, um desses fatos inacreditáveis. Gerações inteiras exclusivamente femininas continuam a se reproduzir por partenogênese. Em estágio jovem, o bichinho da maçã é dotado de asas e dá à luz uma geração desprovida de asas; então aparece um único indivíduo, solitário: o macho.

Não deveríamos ter a mente aberta para a comunicação de ideias? É claro que isso não pode ser feito no espaço de vida ocupado por apenas um indivíduo – trata-se de um espaço demasiadamente curto. No entanto, parece haver importância na comunicação dessas ideias de uma geração para a seguinte. Temos de estar preparados para descobrir a extrema complexidade envolvida no método de comunicação e criação daquilo que pode ser visto como função

mental;<sup>5</sup> não se pode considerar isso seguindo princípios que parecem se aplicar à geração física.

Não podemos fazer nada a respeito do mundo no qual vivemos; não posso fazer nada sobre o universo do não eu. Só que posso fazer algo sobre a minha pessoa. Para tanto, tenho de fazer uma opção dentro de uma enorme massa de fatos. Só que optar por algo, no qual prestarei atenção, envolve simultaneamente não escolher outro algo que não vou observar nem falar a respeito; em outras palavras: é indistinguível do mecanismo patológico, clivagem.<sup>6</sup>

Q. Quando o senhor está ouvindo um paciente, tentando determinar o que é relevante, dentro daquilo que a pessoa está contando ou tentando comunicar, sugere uma espécie de atenção “flutuante”...

[Bion interrompe o questionador.]

B. ... assim a descrever Freud; não conheço expressão melhor...

[O questionador interrompe Bion.]

Q. ... tratando essas comunicações do modo puro como elas vêm e também aguardando até que um padrão possa emergir. Isso, para mim, implica algo que, paulatinamente, vai se construindo por uma série de sessões, não apenas uma. Será que existe alguma maneira de nos dar uma ideia da forma que o senhor trabalha ou daquilo que faz em uma hora ou em uma série de horas? Estou tentando conseguir algum sentido daquilo que o senhor procura, do que o senhor faz... ou será que isso é impossível?

B. Não creio como mostrar melhor do que tenho tentado até agora, mas isso envolve dar-se conta de que o senhor pode aprender algo a meu respeito, que não quero que o senhor saiba. Tenho de correr

---

<sup>5</sup> No original, “mental role”. [N.T.]

<sup>6</sup> No original, “splitting”. [N.T.]





*Realizadas por Wilfred R. Bion* com um pequeno grupo de psiquiatras e psicoterapeutas em Los Angeles, em 1976, estas quatro conversas foram editadas por Francesca Bion e publicadas pela primeira vez em 1978 pela Clunie Press. Concisa e ao mesmo tempo abrangente, a obra expressa de maneira acessível as principais características da contribuição de Bion sobre o trabalho do psicanalista. Fornece, portanto, uma relevante introdução para o seu pensamento e revela a vitalidade espontânea durante a criação e a operação de um autêntico “grupo de trabalho” – tanto no grupo de psiquiatras e psicoterapeutas lá reunido como, e principalmente, no “grupo de trabalho” formado por um paciente e um analista.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1915-6



9 788521 219156

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Quatro Conversas com W. R. Bion

---

**Wilfred R. Bion**

ISBN: 9788521219156

Páginas: 86

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2020

Peso: 0.000 kg

---